

O Livro dos Espíritos



Allan Kardec

LIVRO III – As Leis Morais
CAPÍTULO XII – Perfeição Moral

Índice

Assunto	Origem	Página
I – As Virtudes e os Vícios	O Livro dos Espíritos	03
Perseverança	O Consolador	06
II – Das paixões	O Livro dos Espíritos	08
Ante Paixões	O Consolador	09
III – Do egoísmo	O Livro dos Espíritos	10
Altruísmo em meta	O Consolador	13
IV – Características do Homem de bem	O Livro dos Espíritos	15
O joio e o trigo	O Consolador	16
V – Conhecimento de Si Mesmo	O Livro dos Espíritos	18
Conhece-te a ti mesmo	O Consolador	20

Livro terceiro – As leis morais

Capítulo XII – Perfeição moral

I – As virtudes e os vícios

893. Qual a mais meritória de todas as virtudes?

“Toda virtude tem seu mérito próprio, porque todas indicam progresso na senda do bem. Há virtude sempre que há resistência voluntária ao arrastamento dos maus pendores. A sublimidade da virtude, porém, está no sacrifício do interesse pessoal, pelo bem do próximo, sem pensamento oculto. A mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade.”

894. Há pessoas que fazem o bem espontaneamente, sem que precisem vencer quaisquer sentimentos que lhes sejam opostos. Terão tanto mérito, quanto as que se vêem na contingência de lutar contra a natureza que lhes é própria e a vencem?

“Só não têm que lutar aqueles em quem já há progresso realizado. Esses lutaram outrora e triunfaram. Por isso é que os bons sentimentos nenhum esforço lhes custam e suas ações lhes parecem simplíssimas. O bem se lhes tornou um hábito. Devidas lhes são as honras que se costuma tributar a velhos guerreiros que conquistaram seus altos postos.

“Como ainda estais longe da perfeição, tais exemplos vos espantam pelo contraste com o que tendes à vista e tanto mais os admirais, quanto mais raros são. Ficai sabendo, porém, que, nos mundos mais adiantados do que o vosso, constitui a regra o que entre vós representa a exceção. Em todos os pontos desses mundos, o sentimento do bem é espontâneo, porque somente bons Espíritos os habitam.

Lá, uma só intenção maligna seria monstruosa exceção.

Eis por que neles os homens são ditosos. O mesmo se dará na Terra, quando a Humanidade se houver transformado, quando compreender e praticar a caridade na sua verdadeira acepção.”

895. Postos de lado os defeitos e os vícios acerca dos quais ninguém se pode equivocar, qual o sinal mais característico da imperfeição?

“O interesse pessoal. Frequentemente, as qualidades morais são como, num objeto de cobre, a douradura que não resiste à pedra de toque. Pode um homem possuir qualidades reais, que levem o mundo a considerá-lo homem de bem. Mas, essas qualidades, conquanto assinalem um progresso, nem sempre suportam certas provas e às vezes basta que se fira a corda do interesse pessoal para que o fundo fique a descoberto. O verdadeiro desinteresse é coisa ainda tão rara na Terra que, quando se patenteia, todos o admiram como se fora um fenômeno.

“O apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade, porque, quanto mais se aferrar aos bens deste mundo, tanto menos compreende o homem o seu destino.

Pelo desinteresse, ao contrário, demonstra que encara de um ponto mais elevado o futuro.”

896. Há pessoas desinteressadas, mas sem discernimento, que prodigalizam seus haveres sem utilidade real, por lhes não saberem dar emprego criterioso. Têm algum merecimento essas pessoas?

“Têm o do desinteresse, porém não o do bem que poderiam fazer. O desinteresse é uma virtude, mas a prodigalidade irrefletida constitui sempre, pelo menos, falta de juízo.

A riqueza, assim como não é dada a uns para ser aferrolhada num cofre forte, também não o é a outros para ser dispersada ao vento. Representa um depósito de que uns e outros terão de prestar contas, porque terão de responder por todo o bem que podiam fazer e não fizeram, por todas as lágrimas que podiam ter estancado com o dinheiro que deram aos que dele não precisavam.”

897. Merecerá reprovação aquele que faz o bem, sem visar a qualquer recompensa na Terra, mas esperando que lhe seja levado em conta na outra vida e que lá venha a ser melhor a sua situação? E essa preocupação lhe prejudicará o progresso?

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo XII)

“O bem deve ser feito caritativamente, isto é, com desinteresse.”

A) — Contudo, todos alimentam o desejo muito natural de progredir, para forrar-se à penosa condição desta vida.

Os próprios Espíritos nos ensinam a praticar o bem com esse objetivo. Será, então, um mal pensarmos que, praticando o bem, podemos esperar coisa melhor do que temos na Terra?

“Não, certamente; mas aquele que faz o bem, sem idéia preconcebida, pelo só prazer de ser agradável a Deus e ao seu próximo que sofre, já se acha num certo grau de progresso, que lhe permitirá alcançar a felicidade muito mais depressa do que seu irmão que, mais positivo, faz o bem por cálculo e não impelido pelo ardor natural do seu coração.”

(894)

B) — Não haverá aqui uma distinção a estabelecer-se entre o bem que podemos fazer ao nosso próximo e o cuidado que pomos em corrigir-nos dos nossos defeitos? Concebemos que seja pouco meritório fazermos o bem com a idéia de que nos seja levado em conta na outra vida; mas será igualmente indício de inferioridade emendarmo-nos, vencermos as nossas paixões, corrigirmos o nosso caráter, com o propósito de nos aproximarmos dos bons Espíritos e de nos elevarmos?

“Não, não. Quando dizemos — fazer o bem, queremos significar — ser caridoso. Procede como egoísta todo aquele que calcula o que lhe possa cada uma de suas boas ações render na vida futura, tanto quanto na vida terrena. Nenhum egoísmo, porém, há em querer o homem melhorar-se, para se aproximar de Deus, pois que é o fim para o qual devem todos tender.”

898. Sendo a vida corpórea apenas uma estada temporária neste mundo e devendo o futuro constituir objeto da nossa principal preocupação, será útil nos esforcemos por adquirir conhecimentos científicos que só digam respeito às coisas e às necessidades materiais?

“Sem dúvida. Primeiramente, isso vos põe em condições de auxiliar os vossos irmãos; depois, o vosso Espírito subirá mais depressa, se já houver progredido em inteligência.

Nos intervalos das encarnações, aprendereis numa hora o que na Terra vos exigiria anos de aprendizado. Nenhum conhecimento é inútil; todos mais ou menos contribuem para o progresso, porque o Espírito, para ser perfeito, tem que saber tudo, e porque, cumprindo que o progresso se efetue em todos os sentidos, todas as idéias adquiridas ajudam o desenvolvimento do Espírito.”

899. Qual o mais culpado de dois homens ricos que empregam exclusivamente em gozos pessoais suas riquezas, tendo um nascido na opulência e desconhecido sempre a necessidade, devendo o outro ao seu trabalho os bens que possui?

“Aquele que conheceu os sofrimentos, porque sabe o que é sofrer. A dor, a que nenhum alívio procura dar, ele a conhece; porém, como frequentemente sucede, já dela se não lembra.”

900. Aquele que incessantemente acumula haveres, sem fazer o bem a quem quer que seja, achará desculpa, que valha, na circunstância de acumular com o fito de maior soma legar aos seus herdeiros?

“É um compromisso com a consciência má.”

901. Figuremos dois avarentos, um dos quais nega a si mesmo o necessário e morre de miséria sobre o seu tesouro, ao passo que o segundo só o é para os outros, mostrando-se pródigo para consigo mesmo; enquanto recua ante o mais ligeiro sacrifício para prestar um serviço ou fazer qualquer coisa útil, nunca julga demasiado o que despenda para satisfazer aos seus gostos ou às suas paixões. Peça-se lhe um obséquio e estará sempre em dificuldade para fazê-lo; imagine, porém, realizar uma fantasia e terá sempre o bastante para isso.

Qual o mais culpado e qual o que se achará em pior situação no mundo dos Espíritos?

“O que goza, porque é mais egoísta do que avarento. O outro já recebeu parte do seu castigo.”

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo XII)

902. Será reprovável que cobicemos a riqueza, quando nos anime o desejo de fazer o bem?

“Tal sentimento é, não há dúvida, louvável, quando puro. Mas, será sempre bastante desinteressado esse desejo?

Não ocultará nenhum intuito de ordem pessoal? Não será de fazer o bem a si mesmo, em primeiro lugar, que cogita aquele, em quem tal desejo se manifesta?”

903. Incorre em culpa o homem, por estudar os defeitos alheios?

“Incorrerá em grande culpa, se o fizer para os criticar e divulgar, porque será faltar com a caridade. Se o fizer, para tirar daí proveito, para evitá-los, tal estudo poderá ser-lhe de alguma utilidade. Importa, porém, não esquecer que a indulgência para com os defeitos de outrem é uma das virtudes contidas na caridade. Antes de censurardes as imperfeições dos outros, vede se de vós não poderão dizer o mesmo. Tratai, pois, de possuir as qualidades opostas aos defeitos que criticais no vosso semelhante. Esse o meio de vos tornardes superiores a ele. Se lhe censurais o ser avaro, sede generosos; se o ser orgulhoso, sede, humildes e modestos; se o ser áspero, sede brandos; se o proceder com pequenez, sede, grandes em todas as vossas ações. Numa palavra, fazei por maneira que se não vos possam aplicar estas palavras de Jesus: Vê o argueiro no olho do seu vizinho e não vê a trave no seu próprio.”

904. Incorrerá em culpa aquele que sonda as chagas da sociedade e as expõe em público?

“Depende do sentimento que o mova. Se o escritor apenas visa produzir escândalo, não faz mais do que proporcionar a si mesmo um gozo pessoal, apresentando quadros que constituem antes mau do que bom exemplo. O Espírito aprecia isso, mas pode vir a ser punido por essa espécie de prazer que encontra em revelar o mal.”

a) — Como, em tal caso, julgar da pureza das intenções e da sinceridade do escritor?

“Nem sempre há nisso utilidade. Se ele escrever boas coisas, aproveitai-as. Se proceder mal, é uma questão de consciência que lhe diz respeito, exclusivamente. Demais, se o escritor tem empenho em provar a sua sinceridade, apoie o que disser nos exemplos que dê.”

905. Alguns autores não publicaram belíssimas obras de grande moral, que auxiliam o progresso da Humanidade, das quais, porém, nenhum proveito tiraram eles. Ser-lhes-á levado em conta, como Espíritos, o bem a que suas obras hajam dado lugar?

“A moral sem as ações é o mesmo que a semente sem o trabalho. De que vos serve a semente, se não a fazeis dar frutos que vos alimentem? Grave é a culpa desses homens, porque dispunham de inteligência para compreender. Não praticando as máximas que ofereciam aos outros, renunciaram a colher-lhes os frutos.”

906. Será passível de censura o homem, por ter consciência do bem que faz e por confessá-lo a si mesmo?

“Pois que pode ter consciência do mal que pratica, do bem igualmente deve tê-la, a fim de saber se andou bem ou mal. Pesando todos os seus atos na balança da lei de Deus e, sobretudo, na da lei de justiça, amor e caridade, é que poderá dizer a si mesmo se suas obras são boas ou más, que as poderá aprovar ou desaprovar. Não se lhe pode, portanto, censurar que reconheça haver triunfado dos maus pendoros e que se sinta satisfeito, desde que de tal não se envaideça, porque então cairia noutra falta.” (919)

Crônica e Artigos

182 – 31/10/2010

O Consolador – (Fernanda Leite Bião)

I. As virtudes e os vícios

Perseverança

Não pretendo dizer que já alcancei (esta meta) e que cheguei à perfeição. Não. Mas eu me empenho em conquistá-la, uma vez que também eu fui conquistado por Jesus Cristo.

Consciente de não tê-la ainda conquistado, só procuro isto: prescindindo do passado e atirando-me ao que resta para a frente, persigo o alvo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus nos chama, em Jesus Cristo. Nós, mais aperfeiçoados que somos, ponhamos nisto o nosso afeto; e se tendes outro sentir, sobre isto Deus vos há de esclarecer.

Contudo, seja qual o grau a que chegamos, o que importa é prosseguir decididamente.(1)

— Paulo de Tarso (Epístola aos Filipenses, 2.12-16).

Reencarnar é como ser lançado ao mundo com um mochilão nas costas cheio de apetrechos (nossa bagagem existencial), porém sem mapa nem bússola (reencarnamos desprovidos da lembrança exata dos compromissos assumidos com a espiritualidade e dos desafios desta encarnação).

Temos de utilizar os apetrechos (virtudes, aptidões e potencialidades) da melhor maneira possível, mas nem sempre conseguimos. Mesmo assim, é preciso perseverar, a fim de abrir possibilidades para o devir— virtude necessária para o aprendizado de novos e constantes repertórios comportamentais.

Na senda evolutiva, as virtudes bailam em comunhão com os vícios presentes na condição humana. Entretanto, somos convidados constantemente à tarefa do melhoramento íntimo e de construir e aperfeiçoar o projeto de vida, conhecendo a realidade por meio das necessidades e possibilidades presentes em nossa jornada, desafiando os sedutores convites dos caminhos fáceis, que podem nos levar a um destino ilusório – a porta larga.

O desenvolvimento da perseverança nos faculta habilidades, para que possamos realizar escolhas mais condizentes com o nosso projeto existencial, o que vai contribuir não somente com o crescimento individual, mas com o crescimento dos entes que nos cercam.

A vida é uma espiral que espera de nós o envolvimento e a colaboração, para se movimentar de forma que seja alcançada a finalidade maior: a evolução de todos.

Salienta Joanna de Ângelis:

Avançando lenta e seguramente, aprendendo com as forças vivas do Universo, entesoura os recursos preciosos do conhecimento que lhe custou sacrifícios inumeráveis no longo curso das experiências e agora se interroga a respeito da finalidade de todo esse curso de crescimento, descobrindo, por fim, que se encontra no limiar das realizações realmente plenificadoras e profundas, porque são as que significam libertação dos atavismos remanescentes, ampliando as aspirações na área das emoções mais nobres, portanto, menos afligentes, aquelas que não deixam as sequelas do cansaço, da amargura ou do desânimo. (2)

Busquemos conhecer as dúvidas, os medos, as angústias e as necessidades que são parte de nós. Estejamos conscientes da presença de inúmeras patologias sociais que interferem de forma singular em nossos comportamentos e vivências.

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo XII)

As dimensões superiores não estão fora de nós. Estão dentro de cada coração, que guarda a chama da energia divina em latência, herança sublime do Criador, causa primeira da nossa existência.

Exercitar o autoconhecimento significa pensar sobre o si (história passada, pretérita e futura), as construções das instituições sociais (família, escola, relações sociais) e a nossa identidade como Ser.

No momento em que realizamos a tarefa do autoenfrentamento, a cortina das ilusões (que não permite que possamos ver a nós mesmos) começa a se transubstanciar, gerando um momento de estranhamento.

Começamos a estranhar o que não conhecemos em nós. As ilusões mascaram o momento do autoencontro. Eclodem conflitos íntimos que se projetam no exterior. Por vezes, queremos mudar e não conseguimos. Muitos corações esforçados se perdem nesse momento, no qual ocorre o autoencontro, quando a perseverança floresce, a esperança (re)nasce e o autoconhecimento prossegue, acompanhado do enfrentamento dos desafios, resultando no crescimento de cada um. A verdade liberta. Não a verdade de outrem nem a verdade que o mundo criou para nós, mas a verdade que habita o nosso Ser e que é nossa tarefa descobrir. De nada adianta ditar normas e construir formas de condutas que recebemos aos demais, ao mesmo tempo em que as rejeitamos para nós.

Conscientes da importância de evoluir e dispostos a nos renovar, candidatamo-nos à entrada nos portais do conhecimento, do aprendizado e das modificações interiores, capazes de promover mudanças vibracionais em nosso íntimo e em nosso círculo de relações. Ensaíamos para ser pérola em meio ao nácar, vencer as resistências às mudanças e ter coragem para sair de um lugar que, embora seguro, já não contempla nossas necessidades existenciais.

O grande laboratório humano se constrói dentro de cada ser, universo particular a interferir no universo coletivo. O exemplo da conduta posta em prática – não apenas teorizada – é a força mais poderosa de progresso social.

(1) BÍBLIA SAGRADA: edição pastoral-catequética. p. 1.506.

(2) **Ângelis** Joanna – Desafios & Soluções, psicografia (Divaldo Franco), p. 28-29.

II – Das paixões

907. Será substancialmente mau o princípio originário das paixões, embora esteja na natureza?

“Não; a paixão está no excesso de que se acresceu a vontade, visto que o princípio que lhe dá origem foi posto no homem para o bem, tanto que as paixões podem levá-lo à realização de grandes coisas. O abuso que delas se faz é que causa o mal.”

908. Como se poderá determinar o limite onde as paixões deixam de ser boas para se tornarem más?

“As paixões são como um corcel, que só tem utilidade quando governado e que se torna perigoso desde que passe a governar. Uma paixão se torna perigosa a partir do momento em que deixais de poder governá-la e que dá em resultado um prejuízo qualquer para vós mesmos, ou para outrem.”

As paixões são alavancas que decuplicam as forças do homem e o auxiliam na execução dos desígnios da Providência. Mas, se, em vez de as dirigir, deixa que elas o dirijam, cai o homem nos excessos e a própria força que, manejada pelas suas mãos, poderia produzir o bem, contra ele se volta e o esmaga.

Todas as paixões têm seu princípio num sentimento, ou numa necessidade natural. O princípio das paixões não é, assim, um mal, pois que assenta numa das condições providenciais da nossa existência. A paixão propriamente dita é a exageração de uma necessidade ou de um sentimento. Está no excesso e não na causa e este excesso se torna um mal, quando tem como conseqüência um mal qualquer.

Toda paixão que aproxima o homem da natureza animal afasta-o da natureza espiritual.

Todo sentimento que eleva o homem acima da natureza animal denota predominância do Espírito sobre a matéria e o aproxima da perfeição.

909. Poderia sempre o homem, pelos seus esforços, vencer as suas más inclinações?

“Sim, e, frequentemente, fazendo esforços muito insignificantes.

O que lhe falta é a vontade. Ah! quão poucos dentre vós fazem esforços!”

910. Pode o homem achar nos Espíritos eficaz assistência para triunfar de suas paixões?

“Se o pedir a Deus e ao seu bom gênio, com sinceridade, os bons Espíritos lhe virão certamente em auxílio, porquanto é essa a missão deles.” (459)

911. Não haverá paixões tão vivas e irresistíveis, que a vontade seja impotente para dominá-las?

“Há muitas pessoas que dizem: Quero, mas a vontade só lhes está nos lábios. Querem, porém muito satisfeitas ficam que não seja como ‘querem’. Quando o homem crê que não pode vencer as suas paixões, é que seu Espírito se compraz nelas, em conseqüência da sua inferioridade. Compreende a sua natureza espiritual aquele que as procura reprimir. Vencê-las é, para ele, uma vitória do Espírito sobre a matéria.”

912. Qual o meio mais eficiente de combater-se o predomínio da natureza corpórea?

“Praticar a abnegação.”

Ante Paixões

A paixão é reminiscência da natureza animal predominante no homem.

Leva-o a tormentos inimagináveis, escravizando-o e dilacerando-lhe os sentimentos mais nobres. Irrrompe, violenta, qual temporal imprevisito, devastando e consumindo tudo quanto se lhe antepõe ao avanço.

Desafiadora, ensandece e fulmina quem lhe padece a injunção, deixando sempre destroços, quer chegue ao ponto de destino, ou seja, interrompida a golpe de violência equivalente.

Ela é a alma dos desejos incontrolados, vestígio do instinto que a razão deve conduzir.

Nesse estágio de primarismo é o maior inimigo do homem, porque o asselvaja e domina.

Canalizada pela vontade disciplinada para objetivos elevados, transforma-se em força motriz que dá vida ao herói, resistência ao mártir, asas ao anjo, beleza ao artista e glória ao lutador.

*

Domina os teus sentidos mais grosseiros, corrigindo as más inclinações sob o comando da razão fixada em metas elevadas.

Transforma o fogo devorador que te consome em força que produza para o benefício geral.

Uma chispa descuidada ateia incêndio voraz, destruidor, enquanto as labaredas voluptuosas, sob controle, fundem e purificam os metais para fins úteis.

*

Considera a paixão de Alarico, o conquistador impiedoso, e a de Agostinho, o libertador, seu contemporâneo.

Recorda a paixão de Nero, o dominador arbitrário e a de Sêneca, seu mestre escravo, a quem ele mandou matar.

A paixão de Herodes pelo trono e a de Jesus pela Verdade possuíam a mesma intensidade, somente que a canalização das suas forças era dirigida em sentidos opostos.

Ângelis Joanna, Momentos de Meditação, psicografia (Divaldo Franco), (cap. 19)

III – Do egoísmo

913. Dentre os vícios, qual o que se pode considerar radical?

“Temo-lo dito muitas vezes: o egoísmo. Daí deriva todo mal. Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos há egoísmo. Por mais que lhes deis combate, não chegareis a extirpá-los, enquanto não atacardes o mal pela raiz, enquanto não lhe houverdes destruído a causa. Tendão, pois, todos os esforços para esse efeito, porquanto aí é que está a verdadeira chaga da sociedade. Quem quiser, desde esta vida, ir aproximando-se da perfeição moral, deve expurgar o seu coração de todo sentimento de egoísmo, visto ser o egoísmo incompatível com a justiça, o amor e a caridade.

Ele neutraliza todas as outras qualidades.”

914. Fundando-se o egoísmo no sentimento do interesse pessoal, bem difícil parece extirpá-lo inteiramente do coração humano. Chegar-se-á a consegui-lo?

“À medida que os homens se instruem acerca das coisas espirituais, menos valor dão às coisas materiais. Depois, necessário é que se reformem as instituições humanas que o entretêm e excitam. Isso depende da educação.”

915. Por ser inerente à espécie humana, o egoísmo não constituirá sempre um obstáculo ao reinado do bem absoluto na Terra?

“É exato que no egoísmo tendes o vosso maior mal, porém ele se prende à inferioridade dos Espíritos encarnados na Terra e não à Humanidade mesma. Ora, depurando-se por encarnações sucessivas, os Espíritos se despojam do egoísmo, como de suas outras impurezas. Não existirá na Terra nenhum homem isento de egoísmo e praticante da caridade? Há muito mais homens assim do que supondes. Apenas, não os conheceis, porque a virtude foge à viva claridade do dia. Desde que haja um, por que não haverá dez? havendo dez, por que não haverá mil e assim por diante?”

916. Longe de diminuir, o egoísmo cresce com a civilização, que, até, parece, o excita e mantém. Como poderá a causa destruir o efeito?

“Quanto maior é o mal, mais hediondo se torna. Era preciso que o egoísmo produzisse muito mal, para que compreensível se fizesse a necessidade de extirpá-lo. Os homens, quando se houverem despojado do egoísmo que os domina, viverão como irmãos, sem se fazerem mal algum, auxiliando-se reciprocamente, impelidos pelo sentimento mútuo da solidariedade. Então, o forte será o amparo e não o opressor do fraco e não mais serão vistos homens a quem falte o indispensável, porque todos praticarão a lei de justiça.

Esse o reinado do bem, que os Espíritos estão incumbidos de preparar.” (784)

917. Qual o meio de destruir-se o egoísmo?

“De todas as imperfeições humanas, o egoísmo é a mais difícil de desenraizar-se porque deriva da influência da matéria, influência de que o homem, ainda muito próximo de sua origem, não pôde libertar-se e para cujo entretenimento tudo concorre: suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá à proporção que a vida moral for predominando sobre a vida material e, sobretudo, com a compreensão, que o Espiritismo vos faculta, do vosso estado futuro, real e não desfigurado por ficções alegóricas. Quando, bem compreendido, se houver identificado com os costumes e as crenças, o Espiritismo transformará os hábitos, os usos, as relações sociais. O egoísmo assenta na importância da personalidade. Ora, o Espiritismo, bem compreendido, repito, mostra as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece, de certo modo, diante da imensidade. Destruindo essa importância, ou, pelo menos, reduzindo-a às suas legítimas proporções, ele necessariamente combate o egoísmo.

“O choque, que o homem experimenta, do egoísmo dos outros é o que muitas vezes o faz egoísta, por sentir a necessidade de colocar-se na defensiva. Notando que os outros pensam em si próprios e não nele, ei-lo levado a ocupar-se consigo, mais do que com os outros. Sirva de base

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo XII)

às instituições sociais, às relações legais de povo a povo e de homem a homem o princípio da caridade e da fraternidade e cada um pensará menos na sua pessoa, assim veja que outros nela pensaram. Todos experimentarão a influência moralizadora do exemplo e do contacto. Em face do atual extravasamento de egoísmo, grande virtude é verdadeiramente necessária, para que alguém renuncie à sua personalidade em proveito dos outros, que, de ordinário, absolutamente lhe não agradecem. Principalmente para os que possuem essa virtude, é que o reino dos céus se acha aberto. A esses, sobretudo, é que está reservada a felicidade dos eleitos, pois em verdade vos digo que, no dia da justiça, será posto de lado e sofrerá pelo abandono, em que se há de ver, todo aquele que em si somente houver pensado.” (785)

FÉNELON

Louváveis esforços indubitavelmente se empregam para fazer que a Humanidade progrida. Os bons sentimentos são animados, estimulados e honrados mais do que em qualquer outra época. Entretanto, o egoísmo, verme roedor, continua a ser a chaga social. É um mal real, que se alastra por todo o mundo e do qual cada homem é mais ou menos vítima. Cumpre, pois, combatê-lo, como se combate uma enfermidade epidêmica. Para isso, deve-se proceder como procedem os médicos: ir à origem do mal.

Procurem-se em todas as partes do organismo social, da família aos povos, da choupana ao palácio, todas as causas, todas as influências que, ostensiva ou ocultamente, excitam, alimentam e desenvolvem o sentimento do egoísmo. Conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo. Só restará então destruí-las, senão totalmente, de uma só vez, ao menos parcialmente, e o veneno pouco a pouco será eliminado. Poderá ser longa a cura, porque numerosas são as causas, mas não é impossível. Contudo, ela só se obterá se o mal for atacado em sua raiz, isto é, pela educação, não por essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas pela que tende a fazer homens de bem. A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral.

Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam plantas novas. Essa arte, porém, exige muito tato, muita experiência e profunda observação.

É grave erro pensar-se que, para exercê-la com proveito, baste o conhecimento da Ciência. Quem acompanhar, assim o filho do rico, como o do pobre, desde o instante do nascimento, e observar todas as influências perniciosas que sobre eles atuam, em consequência da fraqueza, da incúria e da ignorância dos que os dirigem, observando igualmente com quanta freqüência falham os meios empregados para moralizá-los, não poderá espantar-se de encontrar pelo mundo, tantas esquisitices. Faça-se com o moral o que se faz com a inteligência e ver-se-á que, se há naturezas refratárias, muito maior do que se julga é o número das que apenas reclamam boa cultura, para produzir bons frutos. (872)

O homem deseja ser feliz e natural é o sentimento que dá origem a esse desejo. Por isso é que trabalha incessantemente para melhorar a sua posição na Terra, que pesquisa as causas de seus males, para remediá-los. Quando compreender bem que no egoísmo reside uma dessas causas, a que gera o orgulho, a ambição, a cupidez, a inveja, o ódio, o ciúme, que a cada momento o magoam, a que perturba todas as relações sociais, provoca as dissensões, aniquila a confiança, a que o obriga a se manter constantemente na defensiva contra o seu vizinho, enfim a que do amigo faz inimigo, ele compreenderá também que esse vício é incompatível com a sua felicidade e, podemos mesmo acrescentar, com a sua própria segurança. E quanto mais haja sofrido por efeito desse vício, mais sentirá a necessidade de combatê-lo, como se combatem a peste, os animais nocivos e todos os outros flagelos.

O seu próprio interesse a isso o induzirá. (784)

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo XII)

O egoísmo é a fonte de todos os vícios, como a caridade o é de todas as virtudes. Destruir um e desenvolver a outra, tal deve ser o alvo de todos os esforços do homem, se quiser assegurar a sua felicidade neste mundo, tanto quanto no futuro.

Crônica e Artigos

247 12/02/2012

O Consolador – (Jane Martins Vilela)

III. Do egoísmo

Altruísmo em meta

“Se a caridade reinasse na Terra, o mau não teria mais predominância; fugiria envergonhado, se esconderia, porque se encontraria deslocado por toda parte. Então o mal desapareceria, ficai bem compenetrados disto.”

(Pascal, 1862, em O Evangelho segundo o Espiritismo.)

Pascal se refere a um sentimento primário, uma das raízes dos males da Terra, o egoísmo, que Emmanuel diz ser uma chaga da humanidade e que deve desaparecer da Terra, pois lhe retarda o progresso.

Há egoísmo quando o semelhante é esquecido, quando o pedido de Jesus - “ tudo aquilo que quereis que vos façam, fazei vós aos outros” - não é atendido.

Uma sociedade egoísta sofre. Quem tem compreensão sabe que a dor é o remédio para a caridade desabrochar, o amor se revelar e o egoísmo desaparecer. O amor é a grande luz se expandindo, a todos envolvendo, fazendo desaparecer a sombra desse mal que ainda vige, mas não por muito tempo, pois as mudanças para uma era melhor se fazem com intensidade crescente.

Joanna de Ângelis, psicografia de Divaldo Franco, nos esclarece, escrevendo:

“O egoísmo é parasita destruidor.

Observa o ciúme e verás o egoísmo revoltado, por não deter a posse.

Examina a ira e descobrirás o egoísmo contrariado, explodindo.

Detém-te na calúnia e sentirás o egoísmo em regozijo.

Acompanha a maledicência e tropeçarás no egoísmo, em jornada de insensatez.

Contempla a vingança e a terapia que tenhas será para o egoísmo que enlouqueceu.

Confere o furto e o egoísmo justificará a posse indébita.

Em qualquer crime contra o indivíduo, a propriedade, o povo, as nações, eis o egoísmo, campeão da desdita, segurando as rédeas de comando arbitrário.”

Meditando nisso, vemos que essa doença ainda está em atividade, e o remédio, a dor, continuará como socorro aos doentes, até que o amor se faça presente em plenitude e a cura ocorra. Bom é vermos qual é a nossa escolha, doença ou saúde, esperando que o espírita, esclarecido pelo conhecimento, opte pela saúde, ou seja, pelo amor, que – como disse o apóstolo Pedro – cobre uma multidão de pecados.

Esperamos que quando a dor se faça presente, pois que ela atinge ainda a todos nesta Terra, saibamos nos conduzir com amor, sendo o altruísmo, fruto dessa escolha, presença confortadora, representando aquele que ilumina com suas atitudes por onde passe. O altruísmo deixa um rastro de luz e gratidão, alegria e paz para aquele que o vivencia.

Pudemos visitar uma senhorinha, de idade avançada, que teve uma vida altruísta.

112 anos de idade! Veio longe, com o amor de seu coração. Seu rosto envelhecido reflete uma candura, uma bondade, uma ternura.

Acamada, o corpo não tem mais força para se sustentar de pé, mas ainda goza de saúde perfeita e lúcida. Perguntamos, apertando-lhe carinhosamente as mãos, como estava, e ela, sem uma queixa, com um sorriso a iluminar-lhe o semblante, respondeu que estava muito bem. Uma lição para os mais jovens que caminham, muitas vezes, reclamando.

A filha, zelosa, que cuida dela agora, revela um amor muito grande por essa mãe. Acabou deixando de cuidar de si para atender melhor a genitora, a ponto de nós lhe recomendarmos que continue fazendo as caminhadas que fazia, pelo bem de seu corpo. Que peça à filha que vem

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo XII)

ajudá-la de manhã, que estenda um pouco mais seu horário, pois isso é possível para que ela possa fazer a caminhada de uma hora, que lhe era usual.

Essa filha carinhosa nos surpreendeu com uma pergunta simples, mas que a estava atormentando: Ela pode beber água? “Claro que pode, sempre que quiser, não há problemas com seu corpo”, respondemos.

“Ela nunca reclamou, mas os outros filhos que cuidavam dela antes me avisaram que não podia dar água para ela. Agora eu entendo: estavam economizando fralda descartável, não queriam ficar trocando.” Abriu um sorriso e disse: Estou aliviada, vou dar água sempre que ela pedir.

A velhinha nunca tinha reclamado, para não incomodar. Altruísmo dela, altruísmo e gratidão da filha que cuida. Na verdade, dever filial.

Essa velhinha de 112 anos vai se desvencilhar bem fácil do seu corpo físico, quando a morte chegar, pelas suas virtudes e por estar, sendo um Espírito completista, aquele que consegue levar a termo sua encarnação. Ela pode até estar em moratória, vivendo além do programado, não o sabemos. Seus benfeitores espirituais, sim, sabem. Não condenamos seus outros filhos, pois eles agiram de conformidade com o que acreditavam correto. Pelos seus méritos, ela veio para as mãos da filha que vai cuidar melhor dela.

Ao nos despedirmos, essa bondosa velhinha tomou-nos docemente as mãos e nos direcionou aquelas preciosas palavras antigas: “Vá com Deus! Deus te abençoe!” É assim mesmo: “te abençoe!” É assim que o povo fala! “Vá com Deus ! Deus te abençoe!” Na segunda pessoa, contra as regras gramaticais, mas com beleza e emoção, que superam as regras.

Na questão **913** de “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec pergunta qual é o mais radical dos vícios, cuja resposta dos Espíritos transcrevemos na íntegra, para a nossa meditação:

“Nós o dissemos muita vezes: é o egoísmo. Dele deriva todo o mal. Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos está o egoísmo. Inutilmente os combatereis e não conseguireis extirpá-los enquanto não houverdes atacado o mal em sua raiz, não houverdes destruído a causa. Que todos os vossos esforços, portanto, tendam para esse objetivo, porque aí está a verdadeira chaga da sociedade. Todo aquele que quer se aproximar, desde essa vida, da perfeição moral, deve extirpar de seu coração todo sentimento de egoísmo, porque o egoísmo é incompatível com a justiça, o amor e a caridade. Ele neutraliza todas as outras virtudes.”

Na questão **917** os Espíritos esclarecem que o egoísmo desaparecerá à medida que a vida moral prevalecer sobre a material e o futuro real, a imortalidade, se tornar compreendido, quando os princípios da caridade e da fraternidade farão com que se pense mais nos outros, com o exemplo do bem se espalhando e todos agindo de conformidade com os ensinamentos do Cristo, tratando-se uns aos outros como gostariam de ser tratados. Aqueles que já ajam assim, que continuem firmes, perseverantes, até que o bem e o amor sejam a conduta de toda a Terra. Isso não tardará tanto, apenas um tempo mais. Quanto será, não o sabemos, os benfeitores espirituais da Terra, sim, estes sabem.

IV – Características do homem de bem

918. Por que indícios se pode reconhecer em um homem o progresso real que lhe elevará o Espírito na hierarquia espírita?

“O Espírito prova a sua elevação, quando todos os atos de sua vida corporal representam a prática da lei de Deus e quando antecipadamente compreende a vida espiritual.”

Verdadeiramente, homem de bem é o que pratica a lei de justiça, amor e caridade, na sua maior pureza. Se interrogar a própria consciência sobre os atos que praticou, perguntará se não transgrediu essa lei, se não fez o mal, se fez todo bem que podia, se ninguém tem motivos para dele se queixar, enfim se fez aos outros o que desejara que lhe fizessem.

Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem contar com qualquer retribuição, e sacrifica seus interesses à justiça.

É bondoso, humanitário e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem distinção de raças, nem de crenças.

Se Deus lhe outorgou o poder e a riqueza, considera essas coisas como UM DEPÓSITO, de que lhe cumpre usar para o bem.

Delas não se envaidece, por saber que Deus, que lhas deu, também lhas pode retirar.

Se sob a sua dependência a ordem social colocou outros homens, trata-os com bondade e complacência, porque são seus iguais perante Deus. Usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para os esmagar com o seu orgulho.

É indulgente para com as fraquezas alheias, porque sabe que também precisa da indulgência dos outros e se lembra destas palavras do Cristo: Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado.

Não é vingativo. A exemplo de Jesus, perdoa as ofensas, para só se lembrar dos benefícios, pois não ignora que, como houver perdoado, assim perdoado lhe será.

Respeita, enfim, em seus semelhantes, todos os direitos que as leis da Natureza lhes concedem, como quer que os mesmos direitos lhe sejam respeitados.

O joio e o trigo

Para conhecer a verdade, é preciso estudar.

O monge dominicano Giordano Bruno, filósofo, astrônomo e matemático italiano (1548-1600), foi acusado pelo Tribunal da Inquisição de ter sustentado a afirmação da existência de inúmeros mundos e de que a Terra gira em torno do Sol.

Acusaram-no ainda de acreditar na reencarnação e não no inferno, e de ter afirmado que até os demônios seriam salvos, um dia, conforme a lei de evolução do Espírito; de que a magia (entenda-se a mediunidade) é verdadeira e de que os profetas e apóstolos eram magos (entenda-se médiuns).

Giordano Bruno, uma das figuras mais representativas da Renascença, preferiu ser queimado na fogueira, em 8 de fevereiro de 1600, do que abjurar as suas ideias que, hoje, vemos, não eram fantasias, mas verdades insofismáveis.

Sobre a sua atitude, afirmou: “Por enquanto ficariam felizes com a minha abjuração. Mas viver também significa percorrer um longo caminho que nos afasta Deus!”

Em Roma, no local de seu martírio, há uma estátua que eterniza o seu amor à verdade.

O amor à verdade é uma das características do homem de bem. De tal maneira que, como se lê no O Evangelho segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, capítulo XVII – O Homem de Bem:

“Se interroga a sua consciência sobre os próprios atos, pergunta se não violou essa lei, se não cometeu o mal, se fez todo o bem que podia, se não deixou escapar voluntariamente uma ocasião de ser útil, se ninguém tem o de se queixar dele, se fez aos outros tudo aquilo que queria que os outros fizessem por ele”.

Espíritos assim já vêm preparados. Não é fácil caminhar-se para o cadafalso tendo-se a certeza de que poderia escapar-se dele. Mentir, abjurar, que importa, quando está em jogo a vida? - diria um Espírito fraco.

Esses bons cristãos, e, conseqüentemente, os bons espíritas, são amantes da verdade, acima de tudo.

Neste mesmo capítulo, diz o Evangelho que:

“O Espiritismo não cria uma nova moral, mas facilita aos homens a compreensão e a prática da moral do Cristo, ao dar uma fé sólida e esclarecida aos que duvidam ou vacilam”.

A verdade de cada um está de acordo com a sua evolução espiritual. A verdade dos fracos é frágil; a verdade dos fortes é firme. Assim deve ser a verdade do espírita, uma verdade calcada nos ensinamentos de Jesus à luz da Doutrina espírita.

Muito embora não se diga dono da verdade, o Espiritismo, sem dúvida, tem a chave que abre as portas do conhecimento, pois os seus ensinamentos não se baseiam no pensamento ou interpretação deste ou daquele homem, deste ou daquele fundador, mas na interpretação clara dos Espíritos.

Allan Kardec codificou as Verdades do Evangelho e da Doutrina Espírita, trazidas pelos Espíritos Tutelares, em cinco importantes livros (as Obras básicas da Codificação Espírita): O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno, A Gênese.

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo XII)

Estudemos Kardec, para que possamos distinguir a verdade da mentira, diante da enxurrada de informações falsas que nos são impostas diariamente, por uma verdadeira plêiade de falsos cristãos e falsos profetas. Se assim fizermos, saberemos separar o joio do trigo.

Amemo-nos e instruamo-nos, como nos pede o Espiritismo.

Este chamamento encontra-se na mensagem do Espírito de Verdade, registrada no capítulo VI de O Evangelho segundo o Espiritismo – O Cristo Consolador:

“Espíritas, amai-vos, este o primeiro ensinamento; instrui-vos, este o segundo. No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram. Eis que do além-túmulo, que julgáveis o nada, vozes vos clamam: Irmãos nada perece. Jesus Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade”.

V – Conhecimento de Si mesmo

919. Qual o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal?

“Um sábio da antiguidade vo-lo disse: Conhece-te a ti mesmo.”

A) — Conhecemos toda a sabedoria desta máxima, porém a dificuldade está precisamente em cada um conhecer-se a si mesmo. Qual o meio de consegui-lo?

“Fazei o que eu fazia, quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava revista ao que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para de mim se queixar.

Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma. Aquele que, todas as noites, evocasse todas as ações que praticara durante o dia e inquirisse de si mesmo o bem ou o mal que houvera feito, rogando a Deus e ao seu anjo de guarda que o esclarecessem, grande força adquiriria para se aperfeiçoar, porque, crede-me,

Deus o assistiria. Dirigi, pois, a vós mesmos, perguntas, interrogai-vos sobre o que tendes feito e com que objetivo procedestes em tal ou tal circunstância, sobre se fizestes alguma coisa que, feita por outrem, censuráveis, sobre se obrastes alguma ação que não ousaríeis confessar. Perguntai ainda mais: ‘Se aprouvesse a Deus chamar-me neste momento, teria que temer o olhar de alguém, ao entrar de novo no mundo dos Espíritos, onde nada pode ser ocultado?’

“Examinai o que pudestes ter obrado contra Deus, depois contra o vosso próximo e, finalmente, contra vós mesmos.

As respostas vos darão, ou o descanso para a vossa consciência, ou a indicação de um mal que precise ser curado.

“O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do progresso individual. Mas, direis, como há de alguém julgar-se a si mesmo? Não está aí a ilusão do amor-próprio para atenuar as faltas e torná-las desculpáveis? O avaro se considera apenas econômico e previdente; o orgulhoso julga que em si só há dignidade. Isto é muito real, mas tendes um meio de verificação que não pode iludir-vos.

Quando estiverdes indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, inquiri como a qualificaríeis, se praticada por outra pessoa. Se a censurais noutrem, não na podereis ter por legítima quando fordes o seu autor, pois que Deus não usa de duas medidas na aplicação de sua justiça. Procurai também saber o que dela pensam os vossos semelhantes e não desprezeis a opinião dos vossos inimigos, porquanto esses nenhum interesse têm em mascarar a verdade e Deus muitas vezes os coloca ao vosso lado como um espelho, a fim de que sejais advertidos com mais franqueza do que o faria um amigo. Perscrute, conseguintemente, a sua consciência aquele que se sinta possuído do desejo sério de melhorar-se, a fim de extirpar de si os maus pendores, como do seu jardim arranca as ervas daninhas; dê balanço no seu dia moral para, a exemplo do comerciante, avaliar suas perdas e seus lucros e eu vos asseguro que a conta destes será mais avultada que a daquelas. Se puder dizer que foi bom o seu dia, poderá dormir em paz e aguardar sem receio o despertar na outra vida.

“Formulai, pois, de vós para convosco, questões nítidas e precisas e não temais multiplicá-las. Justo é que se gastem alguns minutos para conquistar uma felicidade eterna.

Não trabalhais todos os dias com o fito de juntar haveres que vos garantam repouso na velhice? Não constituí esse repouso o objeto de todos os vossos desejos, o fim que vos faz suportar fadigas e privações temporárias? Pois bem! que é esse descanso de alguns dias, turbado sempre pelas enfermidades do corpo, em comparação com o que espera o homem de bem? Não valerá este outro a pena de alguns esforços? Sei haver muitos que dizem ser positivo o presente e incerto o futuro. Ora, esta exatamente a idéia que estamos encarregados de eliminar do vosso íntimo, visto desejarmos fazer que compreendais esse futuro, de modo a não restar nenhuma dúvida em vossa alma. Por isso foi que primeiro chamamos a vossa atenção por meio de fenômenos capazes de ferir-vos os sentidos e que agora vos damos instruções, que cada um de vós se acha encarregado de espalhar. Com este objetivo é que ditamos O Livro dos Espíritos.”

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo XII)

SANTO AGOSTINHO

Muitas faltas que cometemos nos passam despercebidas.

Se, efetivamente, seguindo o conselho de Santo Agostinho, interrogássemos mais amiúde a nossa consciência, veríamos quantas vezes falimos sem que o suspeitemos, unicamente por não perscrutarmos a natureza e o móvel dos nossos atos. A forma interrogativa tem alguma coisa de mais preciso do que qualquer máxima, que muitas vezes deixamos de aplicar a nós mesmos. Aquela exige respostas categóricas, por um sim ou um não, que não abrem lugar para qualquer alternativa e que não outros tantos argumentos pessoais. E, pela soma que derem as respostas, poderemos computar a soma de bem ou de mal que existe em nós.

Crônica e Artigos

97 08/03/2009

O Consolador – (Rogério Coelho)

V. Conhecimento de si mesmo

Conhece-te a ti mesmo

“O conhecimento de si mesmo é a chave do progresso individual”.

(Santo Agostinho) (1)

Na questão do autojulgamento, costumamos ser muito benevolentes e parciais, vez que ainda trazemos “uma trave” nos olhos. Por não desconhecer essa ancestral tendência humana, Santo Agostinho pergunta e ao mesmo tempo desenvolve uma esclarecedora resposta (1):

“Como alguém há de julgar-se a si mesmo? Não está aí a ilusão do amor-próprio para atenuar as faltas e torná-las desculpáveis? O avaro se considera apenas econômico e previdente; o orgulhoso julga que em si só há dignidade. Isto é muito real, mas tendes um meio de verificação que não pode iludir-vos:

Quando estiverdes indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, inquiri como a qualificaríeis, se praticada por outra pessoa.

Se a censurais noutrem, não na podereis ter por legítima quando fordes o seu autor, pois que Deus não usa de duas medidas na aplicação de Sua justiça.

Procurai também saber o que dela pensam os vossos semelhantes e não desprezeis a opinião dos vossos inimigos, porquanto esses nenhum interesse têm em mascarar a Verdade e Deus muitas vezes os coloca ao vosso lado como um espelho, a fim de que sejais advertidos com mais franqueza do que o faria um amigo; perscrute, conseguintemente, a sua consciência aquele que se sinta possuído do desejo sério de melhorar-se, a fim de extirpar de si os maus pendores, como do seu jardim arranca as ervas daninhas; dê balanço no seu dia moral para, a exemplo do comerciante, avaliar suas perdas e seus lucros e eu vos asseguro que a conta destes será mais avultada que a daquelas.

Formulai, de vós para convosco, questões nítidas e precisas e não temais multiplicá-las. Justo é que se gastem alguns minutos para conquistar uma felicidade eterna.

Não trabalhai todos os dias com o fito de juntar haveres que vos garantam repouso na velhice? Que é esse descanso de alguns dias em comparação com o que espera o homem de bem? Não valerá este outro a pena de alguns esforços?”

Allan Kardec, complementando estas ilações de Santo Agostinho, afirma (1):

"Muitas faltas que cometemos nos passam despercebidas. Se, efetivamente, seguindo o conselho de Santo. Agostinho, interrogássemos mais amiúde a nossa consciência, veríamos quantas vezes falimos sem que o suspeitemos, unicamente por não perscrutarmos a natureza e o móvel de nossos atos.

A forma interrogativa tem alguma coisa de mais preciso do que qualquer máxima, que muitas vezes deixamos de aplicar a nós mesmos. Aquela exige respostas categóricas, por um sim ou por um não, que não abrem lugar para qualquer alternativa. Pela soma que derem as respostas, poderemos computar a soma de bem ou de mal que existe em nós".

Conhecendo de sobejo a economia espiritual de quantos ainda mourejam nas veredas da regeneração, leciona Joanna de Ângelis (2):

"Ocorrências imprevisíveis, sucessos, malogros, alta e queda de valores amoedados respondem pelo resultado da empresa ao fecharem-se as contas. O mesmo se dá com a economia moral,

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo XII)

onde faz-se mister proceder-se a uma avaliação das conquistas realizadas durante a ocorrência de cada período, para bem aquilatar-se de como se vai e de como programar a nova etapa.

Quem conhece Jesus é convidado a investir nos divinos cofres do amor as moedas que a sabedoria lhe faculta em forma de maior iluminação, pela renúncia, caridade, perdão e esperança. De tempos em tempos torna-se necessário um cotejo do que foi feito em relação ao programado, para medir-se o comportamento durante o trânsito dos compromissos. Constatada a presença de equívocos, disponhamo-nos a corrigi-los; identificados os êxitos, preparemo-nos para multiplicá-los; logrados os sucessos, apliquemo-los em favor do bem geral.

Entanto, tenhamos coragem de realizar uma avaliação honesta, sem desculpas e sem excesso de intransigência. Espíritos em processo lapidador, ainda não nos libertamos da ganga que impede se reflita no íntimo o brilho do amor de Jesus.

Proponhamo-nos à pausa da reflexão com a coragem de nos despirmos perante a consciência, como se a desencarnação nos houvesse surpreendido e nos não fosse possível omitir, escamotear ou fugir à responsabilidade que adquirimos perante a Vida face à dádiva da reencarnação. Experiência que passa enseja lição que permanece; e, de aprendizado em aprendizado, o relógio da Eternidade nos propiciará o crescimento rumo a Deus e à aquisição da virtude da paz”.

Referências:

- (1) **Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (Questão 919-a.)
- (2) **Ângelis** Joanna de, Alegria de Viver, psicografia (Divaldo Franco), (Cap. 8).